

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

MARIANA PESTANA GASPAR AFFONSO

**PEDAGOGIA DO SAMBA: O SAMBA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZADO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito essencial para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> JACQUELINE DE FÁTIMA DOS SANTOS MORAIS

São Gonçalo

2010

MARIANA PESTANA GASPAR AFFONSO

**PEDAGOGIA DO SAMBA: O SAMBA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZADO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito essencial para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em Setembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mairce da Silva Araújo

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

A257 Affonso, Mariana Pestana Gaspar  
Pedagogia do samba : o samba como ferramenta de aprendizado / Mariana  
Pestana Gaspar Affonso. – 2010.  
35 f.

Orientadora : Profª Drª Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Cultura popular. 2. Cultura e educação. 3. Carnaval – Aspectos sociais.  
I. Moraes, Jacqueline de Fátima dos Santos. II. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 394.25

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,  
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL E/OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E  
PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à minha mãe, pelo carinho, apoio e suporte dado ao longo da minha vida para que tudo que tenho planejado possa ser realizado.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, que nunca me abandonou mesmo nos momentos mais difíceis sendo meu amparo e refúgio.

Ao meu pai, que mesmo sem sua presença física está sempre presente em meu coração e pensamento, à minha mãe, responsável por tudo que sou hoje, meu irmão e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Às professoras Mairce e Jacqueline pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a execução e conclusão desta monografia.

Aos meus queridos amigos, em especial, Rafael Chaves, Deise Parreiras, Elisa Brandão, Joyce Froes, Mariana Ribeiro e tantos outros que de alguma forma colaboraram com incentivo e apoio constantes na elaboração desse trabalho.

Enfim, para todas às pessoas que contribuíram e participaram na reflexão e realização deste trabalho de modo particular à Ângela, avó da porta-bandeira Lara, que me apresentou o projeto do professor Manoel Dionísio viabilizando e proporcionando condições necessárias para as observações e entrevistas realizadas na construção da presente monografia.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar os casos particulares da *Escola de Mestre-Sala, Porta - Bandeira e Porta-Estandarte* do professor Manoel Dionísio e do *Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro* no esforço de atribuir a esses núcleos elementos indispensáveis à aprendizagem, tais como a importância da consciência coletiva, motivação, prazer e sentido no aprendizado, procurando fazer um paralelo com as instituições de ensino tradicionais. Para elaboração desta pesquisa elencamos como metodologia a observação participante, que neste trabalho possibilitou um olhar mais minucioso sobre a realidade dos sujeitos envolvidos o que possibilitou a definição de casos de estudos onde pôde se aprofundar um pouco mais algumas questões, sendo esses casos a *Escola de Mestre-Sala, Porta - Bandeira e Porta-Estandarte* do professor Manoel Dionísio e do *Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro*. Definidos os casos e o método, foram realizadas entrevistas com quatro crianças que participam desses programas, sendo elas inseridas desde muito cedo em escolas de samba. Com base nesse material empírico foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de mostrar como a Pedagogia está presente no Carnaval, verificando ainda a potencialidade das escolas de samba nas abordagens pedagógicas dos currículos em sala de aula. Desse modo nossos principais interlocutores teóricos foram BAKHTIN (1993), HALL (1997), FREIRE (2004) e GARCIA (2002). A partir do presente estudo foi possível concluir a relevância de possibilitar uma a educação de modo a construir uma forma de aprendizado que valorize as experiências, o cotidiano do aluno. No entanto é importante ter em mente as necessidades que a nossa sociedade possui e as experiências que tomamos como base ao pensar no aprendizado para não repetirmos os moldes educacionais tradicionais. Nesse sentido é importante ressaltar a valorização do cotidiano das classes populares, que muitas vezes é tido como algo que não deve ser tomado como exemplo, ou que deve ser modificado, numa supervalorização do cotidiano de uma elite, ou mesmo de uma classe média em detrimento da experiência vivida pelas classes populares, classe que mais precisa dessa atenção, bem como de valorização. Desse modo, uma alfabetização comprometida com o sucesso das crianças das classes populares, buscando a apropriação da linguagem como instrumento de crítica e afirmação social, sendo assim o resgate do sentido e a recuperação da autoria.

**Palavras-chave:** Carnaval; Samba; Educação Patrimonial; Cultura

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>04</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>05</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>06</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>07</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1 : CARNAVAL E PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1. Breve Histórico do Carnaval .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO E CULTURA .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1. Definindo Cultura.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2. Cultura e Educação .....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 3 APRENDENDO COM O SAMBA .....</b>	<b>20</b>
<b>3.1. Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro .....</b>	<b>20</b>
3.1.1. <i>O Ambiente da Escola .....</i>	<b>20</b>
3.1.2. <i>A visão dos alunos .....</i>	<b>21</b>
<b>3.2. Projeto Mestre-Sala e Porta-Bandeira.....</b>	<b>26</b>
3.2.1. <i>A Dinâmica da Aula.....</i>	<b>27</b>
3.2.2. <i>O Perfil da Escola .....</i>	<b>29</b>
<b>3.3. Algumas Reflexões sobre os Casos .....</b>	<b>30</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>35</b>



## INTRODUÇÃO

Pensar a escola é ir além de um espaço onde iremos aprender uma gama de conteúdos que irão ser cobrados e utilizados em provas e concurso. A escola é um lugar de formação de pessoas, e como pessoas esses alunos tem muito mais do que provas de conteúdos, essas são as menos difíceis. Cada indivíduo tem uma prova muito mais difícil de encarar – a prova da vida.

Do mesmo modo que muitos outros alunos, estudei numa escola que valorizava a cartilha impostas por Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e seus conhecimentos ainda muito carregados de uma lógica positivista, onde o resultado quantitativo é posto acima de qualquer outra avaliação. Fui alfabetizada através de palavras, frases sem sentido e exercícios mecânicos nos quais dispensavam raciocínio numa visão fragmentária.

Partindo disso, ao tentar fazer uma retrospectiva do meu processo de alfabetização, não me recordo de ter tido contato com revistas, jornais, artigos ou textos que não fossem os da cartilha. No entanto é importante ressaltar a participação de meus pais, que sempre atuaram no sentido de transmitir a importância e a paixão pela leitura através de livros com fascinantes histórias as quais me eram contadas despertando em mim, o desejo em decodificá-las, em entendê-las, indo além do que estava escrito.

Talvez pela experiência de uma alfabetização mecanicista, que vê na aquisição do código o principal em todo processo de leitura e escrita que, ao ingressar na faculdade, através de uma alfabetização empenhada com a apropriação da linguagem enquanto instrumento de crítica, visando o resgate do sentido e a autonomia do sujeito, descobri outro sentido para o ensino, entendendo o que Paulo Freire nos trás ao dizer que *saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*. (Freire, 2004, p.47)

Partindo disso, o objetivo geral desse trabalho é investigar as possibilidades de condução de um processo de alfabetização a partir da realidade cotidiana dos alunos. Com isso é possível atribuir significado a esse processo tão fundamental e determinante na vida dos sujeitos contribuindo para uma alfabetização comprometida com o sucesso e a qualidade do ensino das crianças das classes populares. Para tanto o presente trabalho terá como pano de fundo o Carnaval, fazendo uma análise de alguns modelos de programas realizados em

Escolas de Samba do Rio de Janeiro que surgiram com intuito pedagógico de ensinar samba a jovens moradores de comunidades onde essas Escolas de Samba atuam.

No entanto, no sentido de buscar romper a hierarquia dos saberes construídos na escola de forma a compreender as diversas leituras de mundo e as potencialidades dos alunos valorizando os saberes provenientes de suas realidades de vida. Gostaria ainda de partilhar nesse trabalho, a importância do Carnaval como elemento de socialização do indivíduo em uma sociedade excludente tendo como foco a Educação, os saberes, bem como o uso da riqueza cultural e diversificada já trazida pelos alunos, além de ressaltar a valorização do cotidiano desse aluno e a forma como é dada construção de seus próprios conhecimentos. Nesse sentido temos esses alunos como autores de seu processo de ensino-aprendizagem a partir de suas próprias habilidades cognitivas, afetivas e sociais.

Nesse sentido, a proposta do presente estudo é analisar os casos particulares da *Escola de Mestre-Sala, Porta - Bandeira e Porta-Estandarte* do professor Manoel Dionísio e do *Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro* no esforço de atribuir a esses núcleos elementos indispensáveis à aprendizagem, tais como a importância da consciência coletiva, motivação, prazer e sentido no aprendizado, procurando fazer um paralelo com as instituições de ensino tradicionais.

Partindo desse objetivo geral, e definido o caso a ser estudado, o presente estudo terá ainda como objetivos específicos a serem explorados uma breve exposição do histórico do carnaval carioca, entendendo sua origem, seu papel dentro das comunidades que onde são formadas suas Escolas de Samba. Com isso chegamos até às Escolas de Samba mirins para entender a inserção infantil nesse processo para então vermos como essa estrutura, que ao longo dos anos ganhou força e cada vez mais investimentos, afetando a formação desses jovens que desde muito cedo participam de todo esse processo.

Antes de descrever a metodologia que será implementada no presente estudo é importante relatar o que motivou a escolha desse tema, sendo essa uma particular paixão pelo carnaval, paixão essa motivada em grande parte por observar o amor que a comunidade dedica ao seu pavilhão.

Desde pequena eu e minha família viajávamos todo ano para a cidade Pedro do Rio aonde íamos a diversos bailes infantis além de passarmos grande parte da madrugada acordados para ver o desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, particularmente o

Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, Escola essa que dedico um carinho muito especial, responsável por despertar em mim o fascínio pelo Carnaval.

Ao completar 20 anos comecei a desfilar numa Escola de Samba do grupo de acesso B, escolas cujo desfile acontece na terça-feira de Carnaval, na época - Paraíso do Tuiuti - que representa a comunidade de São Cristóvão. No ano seguinte, ingressei na minha Escola de coração, Acadêmicos do Salgueiro. A partir de então, sempre compareci aos ensaios técnicos e aos desfiles oficiais na Marquês de Sapucaí.

Esse histórico de vivência no mundo do samba serviu não só de motivação mas também fez com que pudesse observar e entender um pouco do que ocorre por trás dos que é passado pela mídia nos desfiles durante o carnaval. Nesse sentido após verificar que a Pedagogia estaria fortemente ligada a essa realidade, parti dessa vivência e desse histórico para uma observação participante mais minuciosa dessa realidade, sendo esse o método utilizado na presente pesquisa.

Com isso passei a observar de perto como crianças cantam sambas aprendendo suas letras que, em muitos casos utilizam de termos que não estão presentes em seu universo vocabular e mesmo assim têm facilidade no aprendizado dessas letras e se interessam em aprendê-las.

Conforme explicitado anteriormente, a fim de facilitar o estudo e procurando entender mais detalhadamente uma realidade em particular, foram definidos casos onde pôde se aprofundar um pouco mais algumas questões, sendo esses casos a *Escola de Mestre-Sala, Porta - Bandeira e Porta-Estandarte* do professor Manoel Dionísio e do *Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro*.

Definidos os casos e o método, foram realizadas entrevistas com quatro dessas crianças que participam desses programas, sendo elas inseridas desde muito cedo em escolas de samba, pois, como foi observado, seus pais já fazem parte desse meio seja trabalhando na confecção de fantasias, alegorias e adereços, na harmonia, na bateria, intérpretes do enredo, passistas, baianas, comissão de frente, ou ainda como componentes foliões que também dão o sangue pela Escola a tendo como continuação de suas casas.

Com base nesse material empírico foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de mostrar como a pedagogia está presente no Carnaval, verificando ainda a potencialidade das escolas de samba nas abordagens pedagógicas dos currículos em sala de aula.

Por fim foi feita uma análise empírica sob a luz da teoria para que, entendendo essa realidade fosse possível lançar propostas para uma nova abordagem de ensino que aproveite a vivência do aluno, podendo ser utilizada em outras realidades, não sendo restrita ao samba somente.

Através disso, foi possível compreender a relação entre conhecimento e arte num movimento circular de saberes, ou seja, a alfabetização num sentido amplo que valorize as falas dos alunos observando suas várias leituras de mundo e diferentes linguagens, usufruindo das suas próprias experiências na construção do conhecimento atribuindo-lhe sentido, visto que, como pontua Vygotsky (1998), *a compreensão da linguagem escrita é efetuada, primeiramente, através da linguagem falada.*

O presente trabalho foi estruturado visando fazer um paralelo entre a Cultura e o Aprendizado, tendo como base na experiência das Escolas Mirins encontradas em Escolas de Samba.

Para tanto se desenvolveu uma estrutura onde o trabalho foi dividido em três partes, que serão cada uma dessas partes um capítulo desse estudo.

Na primeira parte é feito um panorama histórico sobre o Carnaval, a fim de entendermos a origem dessa festa e a partir disso pensar na sua introdução no Brasil, até chegarmos aos dias atuais, e no seu papel social, construído ao longo da história.

Partindo desse histórico, é feita uma pesquisa teórica sobre cultura e o seu papel na educação, onde é possível verificar através da teoria como a cultura e o cotidiano é/foi pensado como formas de auxiliar no aprendizado, para com isso termos um aporte para entrarmos no caso específico que será tratado na terceira parte do estudo.

Com isso essa terceira parte ficará responsável por fazer uma análise descritiva dos dois casos escolhidos para estudo, onde será mostrada ainda algumas entrevistas realizadas com alunos, a fim de observarmos o impacto desse tipo de ensino nos educandos envolvidos.

Por fim são feitas algumas considerações a cerca do que foi abordado ao longo do estudo para pensar o que foi feito, bem como traçar perspectivas de novos estudos capazes de aprofundar possíveis questões que sejam levantadas no decorrer do estudo.

## CAPÍTULO 1

### CARNAVAL E PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

A partir desse momento será focado o carnaval enquanto festa popular, capaz de agregar grande número de indivíduos bem como movimentar vultuosas quantias de capital, sendo atualmente responsável por aquecer a economia do país, mais especificamente no caso do presente estudo a economia da cidade do Rio de Janeiro, sendo ainda responsável pela vinda de grande quantidade de turista de outras regiões do país bem como de outros países.

Para melhor entendermos melhor como o Carnaval se tornou esse fenômeno cultural (e econômico), a partir de agora será feito um breve histórico de como se desenvolveu essa festa até os dias atuais.

#### 1.1. Breve Histórico do Carnaval

Antes de entrarmos propriamente dito numa abordagem sobre o Carnaval carioca, é importante entendermos a origem do Carnaval enquanto festa popular.

De forma geral, o Carnaval é um espetáculo que, segundo Bakhtin (1993) teve origem na dramatização, nos rituais e festas a Dionísio. Durante a realização da festa, há a anulação de algumas das regras de comportamento, só se pode viver de acordo com as leis da liberdade onde “tudo” é permitido lembrando que alguns extremos são coibidos, estando essa liberdade restrita a seriedade de comportamento. Nesse sentido o Carnaval surge como uma cultura do oprimido, possuindo um aspecto cômico popular e público de caráter universal. Não era uma simples forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta de própria vida. É a segunda vida do povo baseada no princípio do riso.

Nesse sentido é importante destacar que o carnaval teve origem antes mesmo que o Brasil fosse *descoberto*. No entanto não é possível garantir que tenha sido nesse momento que o Carnaval tenha tido seu início, pois existem várias interpretações para isso, variando desde a idéia do seu surgimento a seis mil anos atrás pelos antigos para louvar as boas colheitas

agrárias até a idéia de que teria surgido somente no início da era Cristã. Nesse momento fora o Carnaval regulamentado pelo Bispo de Roma, Gregório I, O Grande, que em 590 regulamentou as datas do Carnaval, criando a expressão “*dominica ad carne levandas*”, expressão que foi sendo abreviada, dando origem a palavra Carnaval<sup>1</sup>. Não posso ainda deixar de citar o Carnaval de Veneza, também conhecido por ser um dos Carnavais mais antigos do mundo e famoso pelos seus bailes de máscaras, conforme imagem abaixo:

### Máscaras de Carnaval de Veneza



Fonte: Blog Leio o Mundo Assim, disponível em [http://leioomundoassim.blogspot.com/2008\\_01\\_01\\_archive.html](http://leioomundoassim.blogspot.com/2008_01_01_archive.html), acessado em 27/05/2010

No entanto não é única a explicação para a origem da palavra Carnaval, podendo também ser interpretada como oriunda da expressão “*carne vale*” (adeus carne) ou de “*carne levamen*” (supressão da carne), esta última tendo origem etimológica referente ao início do período da Quaresma que era, em sua origem, não apenas um período de reflexão espiritual como também uma época de privação de certos alimentos, dentre eles, a carne<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Informação retirada do livro “Carnaval – Seis Mil Anos de História” de Hiram Araújo, 2000 encontrado em <http://liesa.globo.com/>, acessado em 25 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Informação retirada em [http://ilove.terra.com.br/lili/palavrasesentimentos/carnaval\\_mensagem.asp](http://ilove.terra.com.br/lili/palavrasesentimentos/carnaval_mensagem.asp), acessado em 25 de maio de 2010.

Entretanto, dentre todas as possíveis interpretações para o início do Carnaval, existe um ponto comum que está presente em todas - sua ligação, como é comum a grande maioria das festas populares, com fenômenos astronômicos ou da natureza.

A astronomia, nesse sentido é a responsável por definir a data do Carnaval para os países que comemoram essa data (países com raízes cristãs).

Definido em 325 d.C, o “Cálculo Eclesiástico”, como foi convenicionado chamar, foi definido pelo Concílio de Nicea (primeiro Concílio Ecumênico do Cristianismo) como sendo calculado da seguinte forma:

O Dia da Páscoa, por definição, é o primeiro Domingo após a lua cheia que ocorre após o equinócio vernal, e pode cair entre 22 de Março e 25 de Abril. A seqüência dos dias de Páscoa se repete em ciclos de aproximadamente 5.700.000 anos (2010)<sup>3</sup>

Ainda de acordo com essa definição:

O Carnaval acontece 47 dias antes da Páscoa. Logo o Carnaval pode acontecer de 4 de fevereiro a 9 de março. Corpus Christi acontece 60 dias depois da Páscoa. Logo Corpus Christi pode acontecer de 21 de maio até 24 de junho.<sup>4</sup>

Nesse sentido vemos que o Carnaval, como o temos nos dias atuais sofre influencia de sua origem no Cristianismo, sendo uma data que serve de ponto de partida para a Quaresma, período de preparação para a Páscoa, onde o cristão deve se passar 40 (quarenta) dias em oração, abstinência e caridade. Os outros 7 (sete) dias não são contados por já serem dias dedicados pelos cristãos à adoração<sup>5</sup>.

Por fim é possível observar que o Brasil por sua vez teve o Carnaval trazido pelos portugueses, mais especificamente os da Ilha da Madeira, Açores e Cabo Verde, que trouxeram a brincadeira de loucas correrias, mela-mela de farinha, água com limão, no ano de 1723, surgindo depois as batalhas de confetes e serpentinas, sendo nesse momento chamado

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.inf.ufrgs.br/~cabral/Pascoa.html> , acessado em 25 de maio de 2010.

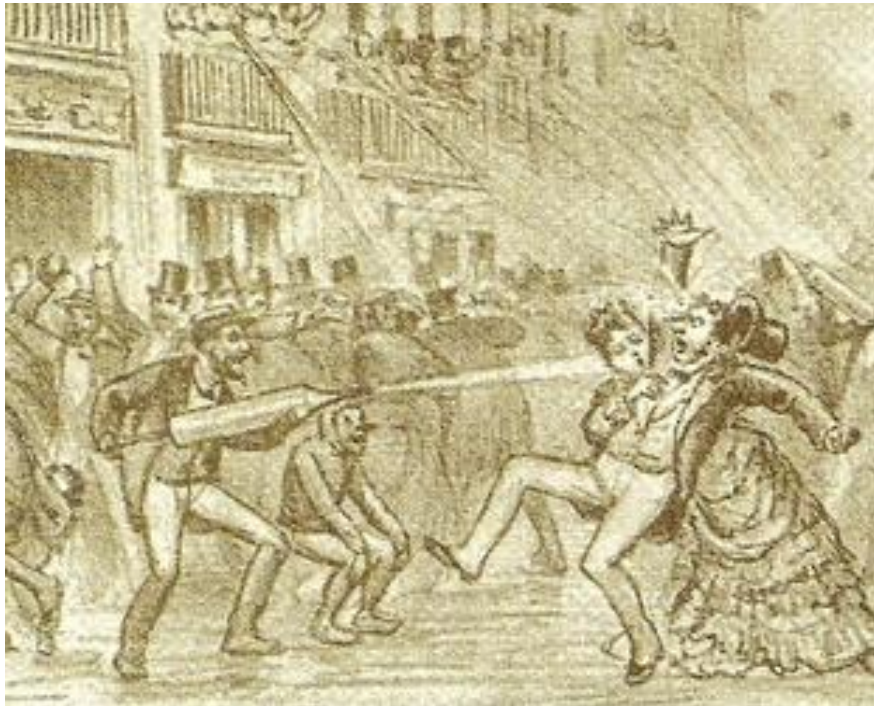
<sup>4</sup> Ibidem

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.pascoa.info/quaresma-tudo-sobre-e-o-seu-significado.html> , acessado em 25 de maio de 2010.



de Entrudo<sup>6</sup>. Abaixo uma imagem inspirada no Entrudo, mostrando uma “batalha” entre foliões:

### Entrudo



Fonte: Portal Luis Nassif, acessado em 27/05/2010

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=300&textCode=896&date=currentDate> , acessado em 25 de maio de 2010.

## CAPÍTULO 2

### EDUCAÇÃO E CULTURA

Parto do pressuposto que o Carnaval é um elemento cultural que participa de forma ativa da vida da população brasileira, mais especificamente da vida dos indivíduos que estamos abordando nesse trabalho para os quais o Carnaval é não somente um elemento cultural, mas também parte de suas identidades.

#### 2.1. Definindo Cultura

Durante muito tempo a cultura foi pensada como única e universal, sendo essa parte de uma ideologia monoculturalista, ou seja, detentora de uma identidade única na qual a Educação era o caminho para o alcance das formas mais elevadas de cultura tendo como modelo os grupos sociais mais educados, portanto mais cultos. (Veiga-Neto, 2003)

Por muito tempo, a aquisição da leitura e da escrita eram utilizadas como objeto de dominação, de poder e controle através de uma idéia superior de cultura que possibilitava à uma minoria da população - as chamadas elites sociais, econômicas e culturais - detentoras de um saber voltado para o modelo europeu, a certeza de uma educação escolar voltada para o ensino superior subalternizando o conhecimento popular, com conseqüente supervalorizando da ciência, do cientificismo.

Nesse sentido o conceito de cultura, porém, é muito mais abrangente pois implica em valores, e estando em constante processo de transformação, se construindo ao longo do tempo na (con)vivência coletiva podendo ser modificado, desconstruído e re-construído pelo grupo que a partilha. Sob essa visão a cultura irá significar tanto o que está a nossa volta, como o que está dentro de nós numa perspectiva Multiculturalista, perpassando, segundo Hall *tudo o que acontece nas nossas vidas e todas representações que fazemos desses acontecimentos*. (Hall, 1997 p.)

Segundo o professor Muniz Sodré (1999), cultura é muito mais que uma concepção patrimonialista, ela está relacionada ao conhecimento, as formas de vida, aos valores morais, a arte, religião e política. É a dinâmica de relacionamento que o indivíduo tem com o real dele,

com sua realidade, de onde vêm os conteúdos formativos, ou seja, de formação para o processo educacional.

## **2.2. Cultura e Educação**

A partir dessa concepção de cultura que foi exposta considera-se de suma importância destacar que não ser letrado nos moldes tradicionais, ao contrário do que se acreditava, não significa ser inculto.

Partindo disso é importante compreender o que as classes populares vêm dizendo através do samba, das palavras, dos gestos, do canto, das insatisfações, alegrias, choro, emoções ou silêncio. Como pontua Trindade (1999), mais importante que ler palavras é ler o mundo, sem negar a importância da escrita. Existem diferentes formas de linguagem que também possibilitam diferentes leituras de mundo e para lê-las é preciso viver, apaixonar-se pela vida, pelo outro para a partir daí ler os sentimentos, os gestos, os cheiros, os corpos, os sons, a boca, os ouvidos, os olhos, o coração, as pernas, os braços, enfim, compreender o outro e compreender-se.

Muitas vezes, as instituições de ensino tradicionais lidam com os alunos das classes populares como se eles não tivessem suas próprias experiências, seus próprios saberes, ou seja como se nada tivessem à ensinar e nenhuma capacidade para aprender, ou mesmo enxergam essa vivência do aluno como algo negativo, que deve ser modificado, esquecido em prol de um “correto aprendizado”.

Nesse sentido tais instituições se preocupam apenas em transmitir conteúdos que, na maioria das vezes, são desvinculados da realidade que objetivam apenas o cumprimento da grade curricular e, dessa forma, hierarquizam os que lêem dos que ainda não lêem a palavra escrita.

A linguagem oral, por exemplo, é o principal canal das expressões populares que colabora na construção da memória popular. A Educação formal, por sua vez, valoriza apenas o que está escrito esquecendo a dimensão oral que é de grande importância para vida cotidiana. Era através da oralidade, por exemplo, que as histórias eram passadas de geração para geração, histórias essas, que, muitas das vezes, fazem ou fizeram parte do senso comum e deveriam ser abordadas na dimensão escolar valorizando as vivências dos alunos e

atribuindo sentido ao aprendizado. É importante observar ainda que a não valorização da oralidade pode ainda ser encarado como uma forma de segregação das classes populares, visto que muitas não têm acesso a meios de comunicação escritos como jornais, livros e revistas, sendo o “boca a boca” a forma acessível de comunicação, de informação e de aprendizado.

É importante, portanto, ter em mente que o conhecimento está presente em toda parte e de múltiplas formas, porém nem todos eles são ensinados na escola, existindo uma seleção desses conhecimentos, resultando nos conteúdos pedagógicos. Em nossa sociedade, os conhecimentos valorizados são os determinados por processos sociais de controle que constam no currículo oficial e exaltam a importância de currículos nacionais padronizados - os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). Dessa forma, o conhecimento das classes populares, construídos no cotidiano, vão sendo negados na instituição educacional.

Assim, os alunos vão aprendendo a memorizar e repetir, principalmente através do uso de cartilhas que inibe toda capacidade criativa e autônoma dos sujeitos através de conhecimentos específicos que cerceiam o aluno na compreensão do real.

Vale ressaltar que não se deve retirar a importância contida nos conteúdos pedagógicos para o desenvolvimento do indivíduo, bem como de seu futuro enquanto cidadão e profissional, mas é necessário, porém, que haja a construção desses conteúdos juntamente com os alunos, para que possam ser entendidas as demandas desses alunos bem como fazendo que seja atribuído significado aquilo que está sendo aprendido, o que viabiliza um diálogo construtivo entre os saberes acadêmicos e os saberes populares.

Com base nisso, ressaltamos que a alfabetização é um processo contínuo de construção-desconstrução de conhecimentos, sendo assim, a Escola de Samba surge como um ambiente alfabetizador visto que este representa um local repleto de sentido onde a criança se sinte atraída indo além das salas de aula bem diferente da fragmentação artificial imposta pela hierarquização dos saberes construídos que padroniza o comportamento como ocorre, normalmente, no processo de escolarização. Fato que será observado no capítulo a seguir.

## CAPÍTULO 3

### APRENDENDO COM O SAMBA

Após entendermos um pouco sobre as origens do Carnaval e de como a educação pode ser utilizada em conjunto com a cultura e com a vivência do aluno, a partir desse momento será feita uma análise das escolas mirins, mais especificamente da “Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro” e do “Projeto Mestre-Sala e Porta-Bandeira”.

#### 3.1. Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro

Nesse momento será feita uma descrição do local a partir de uma visita realizada durante um ensaio realizado na Escola. A partir disso será possível ter pistas sobre a dinâmica do local e de como se dá a aprendizagem na Escola.

##### 3.1.1. *O Ambiente da Escola*

Em primeiro contato com a Escola de Samba observa-se a presença de um professor que coordena e organiza os alunos, atuando como coreógrafo da Escola, o Carlinhos.

Observando a dinâmica da visita pude perceber a prática pedagógica de Carlinhos, que coloca alunos e professores divididos em fileiras com intuito de ensiná-los a sambar. Na quadra da Escola estavam presentes alguns componentes da Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro: ritmistas, mestre-sala, porta-bandeira e rainha da bateria.

Os poucos componentes da bateria presentes tinham por volta dos 15 anos e batucavam seus instrumentos demonstrando alegria e satisfação além de exibirem muito "*samba no pé*"<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> A expressão *samba no pé* significa uma habilidade corporal, é mostrar o requebro e o sapateado que o samba exige.

No dia dessa visita estava presente um grupo de estudantes normalistas do Colégio Estadual Juscelino Kubitscheck. Essas estudantes estavam ali presentes também para a realização de um trabalho sobre o Rio de Janeiro, tendo o Carnaval como um dos focos.

Vendo todo entusiasmo das estudantes, Carlinhos organizou uma brincadeira propondo uma apresentação das estudantes interessadas em *entrar na roda*<sup>8</sup> e mostrar todo seu charme e habilidade com os pés. Cinco meninas aceitaram o desafio e fizeram uma excelente participação. O coreógrafo propôs que o restante dos normalistas elegeisse, por meio de palmas, as três primeiras colocações que ganhariam como lembrança e recompensa pelo seu esforço, uma camisa do Salgueiro.

Dentre as meninas, uma foi muito pouco aplaudida e aparentava ser retraída e excluída da turma. Carlinhos, mostrando que no samba não existe derrotas ou fracassos, deu a ela a segunda colocação prevalecendo o primeiro lugar para mais aplaudida e o terceiro para a que também obteve grande número de aplausos. Os meninos também sambaram muito ao lado de Brenda de 11 anos de idade, rainha da bateria que desfila desde os três anos com toda sua beleza e simpatia. Com isso Carlinhos mostra a todos que o mérito não estaria somente na vitória, mas sim na participação, mostrando que todos são vitoriosos por estarem ali.

### 3.1.2. A visão dos alunos

O último ensaio da Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro, na quadra que fica no Andaraí (no ano de 2008) foi reservado para uma visita com objetivo de entrevistar algumas crianças, componentes da escola, visando ouvir um pouco delas, como se sentem desfilando pela escola e tentando entender o que mais as motiva a desfilar.

Não sabia ao certo que tipo de abordagem utilizar para entrevistar aquelas crianças, bem como procurando meios de abordagem que minimizasse riscos de rejeição por partes das crianças a participarem dessa entrevista.

---

<sup>8</sup> A expressão *entrar na roda* significa não apenas uma mera forma de organização espacial, mas sim onde se canta, dança, bate palmas ou toca instrumentos. É, portanto um movimento festivo, no qual as pessoas se relacionam a partir da música. (Moura, 2004)

Para tanto, cheguei um pouco antes de iniciar o ensaio que começava às 18 horas, utilizando esse tempo para observar a dinâmica da escola, a organização das alas, a animação dos componentes e, enquanto isso, estudando meios de aproximação dos alunos.

O ensaio começou por volta das 18h30min, todas as alas já estavam animadas. Soubemos, através de informações dadas no início do ensaio, que as fantasias seriam disponibilizadas aos componentes na semana seguinte. Fiquei analisando, pensando quem poderia ser entrevistado e, ao mesmo tempo, encantada com a seriedade com a qual as crianças ensaiavam.

Foram quarenta minutos de ensaio com muito “*samba no pé*” e todos com a letra do samba na “*ponta da língua*”, expressões utilizadas no meio, demonstrando um campo simbólico particular daquele grupo. Aparentemente, nenhum componente estaria cansado ou desanimado, ao contrário, as crianças mantinham o canto enquanto a bateria fazia suas bossas (expressão usada pelos participantes da escola para designar ritmo).

O enredo da escola nesse ano (2008) era sobre Magia e cada ala representava um símbolo da sorte. Fiquei observando em frente à Ala 5 e notei que duas meninas se destacavam por interagir fazendo passos coreografados. Ao final, resolvi entrevista-las. Informei que era para um trabalho da faculdade e precisava muito da ajuda delas que imediatamente se prontificaram a colaborar.

A entrevista foi feita com cada uma ao término do ensaio, quando todos já se retiravam da quadra. Para minha sorte, chegou Juliana da ala das passistas para falar com Yasmim, uma das minhas entrevistadas, que também aceitou responder minhas perguntas. Comentei que gostaria de conversar com algum componente da bateria e Juliana logo foi chamar Leonardo que adorou a idéia de ser entrevistado.

Quatro crianças foram entrevistadas, três meninas e um menino, não havendo critério de seleção mais apurado pois tal pesquisa contou com a participação voluntária das crianças.

Todas as questões foram feitas no espaço da quadra, tendo sido realizadas em um período de aproximadamente vinte minutos. É importante ainda destacar as dificuldades enfrentadas para a realização desta pesquisa já que as entrevistas foram feitas em lugar não adequado, isto é, não reservado e sujeito a interferência de outras pessoas que olhavam criando certos constrangimentos, inibindo em alguns momentos, ou mesmo podendo

influenciar a respostas. No entanto, mesmo com tais interferências, será possível ter um panorama do pensamento das crianças em torno do que pensam do projeto.

Visando traçar um perfil breve das crianças entrevistadas, bem como entender a opinião delas em relação à Escola, o questionário foi pensado com as seguintes questões:

- Nome
- Idade
- Onde mora
- Qual Escola desfila?
- Em que ala desfila?
- Qual Escola estuda?
- Ano de escolaridade
- Por que desfila?
- O que tem de mais legal durante o desfile?
- Como você se sente desfilando?
- Na escola, as professoras trabalham / falam sobre o Carnaval? Como?
- O que uma criança precisa fazer para participar de uma Escola de Samba Mirim?
- O que se aprende na Escola de Samba?
- O que quer ser quando crescer?

A partir dessas questões tivemos as percepções dos alunos a seguir.

**Iara:**

Iara, de nove anos de idade e moradora da Tijuca, mais especificamente da Rua São Miguel, cursa a segunda série primária da Escola Municipal Orsina da Fonseca e desfila na Ala 5 da Aprendizizes do Salgueiro.

Quando perguntada sobre sua motivação para desfilas a jovem afirma que gosta muito de desfilas e das fantasias e diz que também o faz porque toda a sua família desfila, o que demonstra uma espécie de tradição trazida dos pais que pode ter influenciado a sua escolha. No entanto a jovem mostra que sente muito prazer ao desfilas pela sensação de fama que o desfile proporciona, o que pôde ser percebido na seguinte afirmação:



*“Todo mundo aplaude. A gente parece até que é artista famoso. Eu queria ser famosa, conhecida por todo mundo. Aparecer na televisão”.*

No entanto quando foi convidada a comparar a escola de aprendizes com sua escola tradicional a jovem mostra uma certa “obrigação” na realização dos deveres, que não são feitos espontaneamente como faz suas tarefas na escola de aprendizes, como pôde ser observado nas seguintes falas:

*“Na minha escola de estudar?”. “Não!!!! Lá a tia passa dever pra gente fazer...”*

E quando insisti perguntando se a jovem gosta dos seus deveres escolares ela responde:

*“É...quando não faz a tia briga!! Eu sempre faço”.*

Por fim a jovem afirma que está na escola por vontade de sua mãe, por ela a ter levado e relata que seu sonho é ser dançarina e ensinar outras jovens a dançar.

### **Leonardo:**

Leonardo, de dez anos de idade e morador da comunidade do Salgueiro, desfila pela bateria da Aprendizizes do Salgueiro e estuda na Escola Municipal Afonso Pena.

O jovem afirma que desfila porque gosta de tocar tamborim, instrumento que aprendeu a tocar inicialmente com seu pai, que também o toca.

Quando perguntado sobre o que mais gosta no desfile o jovem afirma que gosta muito das “paradinhas” que a bateria faz e relata também grande emoção no momento em que a bateria entra no recuo, momento de grande tensão segundo ele.

O jovem diz ainda que se sente muito importante desfilando e tocando na bateria, pois todos aplaudem e sambam por causa do som produzido por eles.

Quando questionado sobre sua escola tradicional o jovem demonstra certa resistência a segunda, afirmando que lá só tem deveres a fazer, ou seja, não possui nada que o atraia, que torne aquele espaço prazeroso, enquanto o Carnaval é visto como diversão.

Por fim o jovem afirma que também ensina outros jovens a tocar os instrumentos e que seu sonho é se tornar jogador de futebol.

**Juliana:**

Juliana, passista da Aprendizizes do Salgueiro, tem 13 anos de idade, é moradora da Tijuca e estuda na Escola Municipal Afonso Pena.

A jovem relata que chegou a escola por motivação da família, levada por sua avó, dizendo ainda que sua irmã já desfilava como passista do Salgueiro, tendo começado também na Aprendizizes.

Quando questionada sobre o que mais gosta no samba a jovem demonstra dúvida dizendo que é muito difícil escolher pois gosta de tudo relacionado ao samba, no entanto a jovem afirma que o momento em que passa em frente ao recuo da bateria proporciona uma especial emoção, por ser, segundo ela *“a melhor hora para demonstrar o samba no pé”*.

A jovem afirma também gostar muito de sua escola tradicional, dizendo que nunca falta, exceto em caso de doença e que lá não há nenhuma alusão ao Carnaval, a não ser quando questionada sobre a data dos ensaios.

É importante ressaltar que a jovem afirma serem passadas na Aprendizizes, mais do que lições sobre samba, mas também noções de cidadania, como humildade e respeito aos outros passistas.

Por fim a jovem relata seu especial carinho por animais, mais especificamente cachorros e diz que seu sonho é se tornar veterinária.

**Yasmin:**

Yasmin, moradora de Vila Isabel e estudante do quarto ano do ciclo básico na Escola Municipal Soares Pereira, possui onze anos de idade e desfila na Ala 5 da Aprendizizes do Salgueiro.

Quando questionada sua motivação pelo samba a jovem afirma gostar muito e diz desfilando desde seus nove anos de idade. No entanto ela demonstra ter tido influência familiar, devido sua avó desfila na Ala das Baianas do Salgueiro.

Yasmin relata gostar muito da bateria e dos gritos de guerra entoados no momento em que entram na alegria, que proporcionam, segundo ela, grande emoção.

Dentre os prazeres proporcionados pela Aprendizizes, a jovem relata que, além de aprender a sambar, faz muitos amigos e diz que existe uma cooperação mútua entre os jovens em diversos momentos, principalmente na hora de se vestirem para entrar na Avenida, o que demonstra um comprometimento coletivo com o sucesso do desfile.

Por fim a jovem nos conta que para entrar na Aprendizizes basta ser jovem, gostar de desfilar e ter amor pela Escola e diz que seu sonho é ser médica para cuidar das pessoas doentes.

Desse modo é possível perceber através da fala desses jovens um comprometimento com a Escola, no entanto não sendo encarado como uma obrigação, como alguns relataram em relação às suas escolas tradicionais, mas como um prazer.

É importante ainda ressaltar, que alguns desses jovens relataram influência da família por sua busca pelo samba, o que nos leva a refletir sobre até que ponto esse jovem encara sua escola tradicional como uma obrigação por esse não ser um costume herdado de seus pais, por ser uma visão transmitida por seus pais da escola como algo obrigatório e não prazeroso. Que experiências esses pais teriam em relação à escola tradicional para repassar aos seus filhos? Teriam esses pais tido acesso à escola tradicional? Essas são algumas questões que podem nos ajudar a entender a relação desses jovens de origem popular com a escola tradicional.

### **3.2. Projeto Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

Através da indicação da jovem Lara, tomei conhecimento do Projeto Mestre-Sala e Porta-Bandeira e Porta-Estandarte que ocorre semanalmente aos sábados no Sambódromo, sob a presidência do professor Manoel Dionísio.

Esse projeto fará 20 anos em meados do mês de julho e já consagrou muitos componentes de importantes Escolas de Samba, sendo um trabalho que tem colaboração da prefeitura, em conjunto com a supervisão da Terceira Vara da Infância e da Juventude e que tem transformado as vidas de muitos meninos e meninas carentes, exigindo deles aplicação

nos estudos, boas notas, e lhes dando a mais completa noção da difícil arte dos Mestre-salas, Porta-bandeiras e Porta-estandartes.

Ao chegar à Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta-Estandarte, deparei-me com várias crianças que balançavam suas bandeiras rodopiando com incrível leveza parecendo plumas se movimentando ao vento. Eram as portas-bandeira sendo *cortejadas* por seus mestres-sala que também esbanjavam talento com ginga e muito *samba no pé*.

O ato de Cortejar no que tange o samba foi idealizado pois a criação da dupla de mestre-sala e porta-bandeira foi inspirada nos pares originais dos ranchos carnavalescos, conhecidos por balizas e porta-estandartes. O baliza, hoje mestre-sala, era encarregado de defender o estandarte da escola, uma vez que esta peça corria o risco de ser arrebatada por componentes de outro grupo desfilante. O "roubo" ocorria normalmente, no clímax da euforia, quando as agremiações se encontravam e o baliza descuidava da proteção à porta-estandarte e seu pavilhão.

Durante minha visita a Escola Ângela (Avó de Lara) estava lá e, ao me ver me apresentou ao presidente do projeto, o professor Manoel Dionísio e às suas amigas – mães, avós, pais e tios de crianças participantes do projeto – o que me deixou bastante à vontade no local.

Nesse dia estavam presentes: porta-bandeiras famosas de Escolas como Mocidade, Beija-Flor e Imperatriz; Delegado da Mangueira; o mestre-sala Estandarte de Ouro 2007, Rafael (que também atua como professor do projeto) e Tatá a mais nova segunda porta-bandeira da Mangueira, aluna do projeto desde os três anos de idade.

### 3.2.1. A Dinâmica da Aula

Fiquei na arquibancada observando toda dinâmica das aulas. No início, as crianças formam uma fila e se apresentam aos pares. É o momento de dançarem juntos. Todos devidamente uniformizados se apresentam para a comunidade presente, inclusive turistas que fotografam e aplaudem muito. Em seguida, as meninas ficam de um lado com as professoras e os meninos do outro com os professores aprendendo ou treinado o samba individualmente.

As meninas, em fila, caminham atrás da professora repetindo seus gestos com as mãos e com os pés. Depois, abrindo uma grande roda, cada aluna entrava e se apresentava rodopiando com a bandeira na mão sem se desequilibrar. A professora acompanhava todo o processo, realizando junto com os alunos os movimentos, sempre incentivando e corrigindo problemas de postura.

Os meninos foram divididos em dois grupos: os mais novos e os mais experientes. Em cada grupo foi arrumado quatro cadeiras que delimitavam o espaço a ser utilizado pelos alunos não podendo ultrapassá-lo. Ia um de cada vez se apresentar enquanto os outros ficavam em volta torcendo para dar “*bolo*” (tapa na mão) no colega. Isso porque decidiram entre eles que o aluno que ultrapassasse os limites traçados pela cadeira, caísse, levasse uma “*bandeirada*” da porta-bandeira ou cometesse qualquer outro erro levava “*bolo*” de um dos professores ou dos próprios colegas o que não era encarado de forma negativa, sendo sim festejado por eles de forma descontraída em clima de brincadeira.

Antes de voltar para o aprendizado coletivo, juntando novamente os meninos e meninas, o professor Dionísio faz um pequeno intervalo para que os alunos pudessem lancha e descansar. Nesse tempo, conversei com Juliana (10 anos) e Ane (11 anos) que já são segunda porta-bandeira em várias escolas de samba mirins.

Juliana está no projeto há dois anos e Ane desde os seis. Elas disseram que mesmo estando no projeto há bastante tempo ainda têm muito a aprender. Ane conta orgulhosa que só não foi a primeira porta-bandeira porque ano passado estava com dez anos e o juizado proibiu. Juliana também se mostrava orgulhosa ao falar que sua foto saiu publicada no jornal O Dia.

Após o intervalo, as crianças formam uma fila e se apresentam novamente aos pares praticando os novos ensinamentos. Esse é o momento final da aula. Exibem suas bandeiras com sorrisos estampados no rosto sem expressão de cansaço ou desânimo, manifestando enorme alegria e satisfação em estarem aprendendo e melhorando a cada aula.

Nesse momento cada casal é livre para dançar como sabem. Não se preocupam com os possíveis erros e quando estes acontecem continuam naturalmente a apresentação. O professor Rafael pedia para que não tivessem vergonha e dançassem da maneira que sabiam e os alunos seguiam suas instruções.

Algumas dessas crianças já estão inseridas em Escolas de Samba exercendo a função de porta-bandeira ou mestre-sala. Estas já possuem certa leveza e charme devido a sua experiência, porém, muitos alunos ainda estão em processo de construção de aprendizagem, mas nem por isso se sentem tímidos ou menores em relação aos outros, ao contrário, fazem piruetas, criam novos passos e não têm medo de “*fazer feio*”, refletindo o clima de descontração da Escola.

### 3.2.2. O Perfil da Escola

O professor Manoel Dionísio deixa claro ser aquele o momento de ensaiar, treinar, criar e, principalmente, errar ressaltando que a partir do erro se cria a possibilidade do acerto, este último fundamental na apresentação oficial do Desfile já que o contrário pode vir a sofrer penalidades, mostrando que também existem obrigações a serem cumpridas.

É importante ressaltar que os alunos são de todas as idades, desde os mais novos (quatro anos) até os mais velhos (74 anos) e recebem o mesmo tratamento. Há uma interação entre todas as idades, o mais velho podendo dançar com o mais novo e vice-versa num bom entrosamento e troca de saberes.

Desse modo o projeto tem uma proposta inclusiva recebendo a matrícula de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais como é o caso de uma menina que lá estuda, apresentando muito interesse em aprender, além de possuir um excelente relacionamento com os outros alunos.

As crianças, segundo relato dos professores, não costumam faltar, existindo um caderno de presença no qual elas, assim que chegam, assinam seus nomes. Ao final do mês, são distribuídas duas cestas básicas aos dois alunos mais presentes. No entanto, pelo que foi possível observar, tal premiação não aparece como objetivo principal de quem frequenta a Escola.

Segundo Tainá, aluna do projeto há dez anos, todos os alunos treinam bastante os exercícios que aprenderam na aula em casa. Nesse sentido pude observar nesse dia que os alunos receberam duas folhas: uma de exercícios e outra com o tema da avaliação semestral que devendo ser entregue (até uma data pré-estabelecida) aos professores. O tema em questão seria pesquisar e escrever sobre a história do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira e sua

importância para o carnaval Carioca podendo ser manuscrito ou digitado com no mínimo três folhas.

Segundo os professores, e como pude observar em visita às aulas, os pais são muito presentes e participativos no projeto acompanhando seus filhos, dando suas opiniões e investindo na possibilidade de estes seguirem carreira nessa função cobrando mais ensaios e disciplina.

No entanto é importante ressaltar que nem todos têm acesso à Escola, que segundo relato de um dos pais, nem toda a comunidade consegue se matricular, como mostra relato de dona Guiomar, mãe de Tainá, que lembra a importância do “quem indica” e da sorte nesse meio. E completa:

*Sei que minha filha é muito boa, mas não dependo de ninguém. Se a estrela dela tiver que brilhar, vai ser pelo talento dela e por mais nada.*

Nesse sentido é importante que se verifiquem meios de acesso a um número maior de crianças bem como formas justas de seleção, para que todas as crianças possam ser contempladas por esse projeto.

### **3.3. Algumas Reflexões sobre os Casos**

Após observar as duas Escolas de Samba estudadas no presente trabalho foi possível entender como algumas questões são tratadas nesses ambientes específicos de aprendizado.

Nesse sentido, levando em consideração, por exemplo, que o erro e o acerto são sinais importantes para o sucesso ou fracasso escolar no processo de construção do conhecimento, é importante observar como essa questão é tratada no caso da Escola de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do professor Manoel Dionísio com vistas a, a partir desse exemplo, poder repensar a Escola Tradicional tendo por base para essa discussão algumas observações de professores

durante as disciplinas de Estágio Supervisionado realizadas no curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ).

À medida que fui freqüentando as aulas do professor Manoel Dionísio, foi possível atentar para prática dos professores ao ensinar aos alunos e perceber que eles tratam o erro de forma natural e como possibilidade de avanço necessário no processo de ensino aprendizagem reconhecendo as potencialidades do aluno, conforme relato de um dos alunos:

*Aqui na Escola de Mestre-Sala podemos inventar novos passos. Senão der certo, não tem problema, tentamos outro até acertar e o público aplaudir. Aprendemos com nossos erros e melhoramos cada vez mais.*

Como relatado anteriormente, o Professor Manoel Dionísio deixa bem claro que aquele (o momento da aula) é o momento de cometer possíveis erros para aprender com eles e não cometê-los no dia do desfile oficial já que naquele momento, o erro é penalizado podendo prejudicar todo trabalho da Escola.

Nesse sentido é possível perceber que o erro é necessário para criação e construção de novos conhecimentos sendo, a partir dele, que a criança aprende interagindo com o mundo não devendo ter medo de cometê-los pois, o saber é resultado de um processo coletivo de apropriação que deve ser valorizado pelo educador.

Do mesmo modo, na alfabetização das crianças das classes populares, a escrita deve ser incorporada como instrumento de interação valorizando os conhecimentos possuídos pelos alunos e suas realidades estimulando a produção da criança, ampliando seus conhecimentos e reconhecendo suas potencialidades no processo dialógico de construção de conhecimentos.

É importante ainda ressaltar que todos nós produzimos conhecimento diariamente e continuamente, porém, na maioria das vezes, a escola, fragmenta esse conhecimento tornando-o desarticulado do real e, portanto, sem sentido para o aluno.

Este aluno, por sua vez, acaba aprendendo a memorizar e reproduzir os modelos impostos deixando de lado seu próprio processo de construção de conhecimentos, o que torna a relação ensino aprendizagem mecânica e descontextualizada sendo menos autônomos e reduzindo suas capacidades.



Nas aulas dos projetos, ao observar a dinâmica das apresentações foi possível notar que cada aluno dança da forma que sabe, sem se preocupar com erros, coreografias ou com uma forma determinada de dança, estando livres. Aliado a isso o professor salientava para que ficassem a vontade e eles seguiam suas instruções não se sentindo envergonhados e criando novos passos. Aquele era o momento de ensaiar e mesmo as crianças que estão há mais tempo na Escola sabiam da importância em dar continuidade pois reconheciam que tinham muito a aprender.

Desse modo, é possível verificar que o aprendizado é muito mais do que vem sendo imposto pelos parâmetros curriculares e mais algo que se incorpora do dia a dia, portanto é possível observar que um ambiente de respeito, onde se alie o aprendizado com a vivência do aluno é capaz de promover grandes avanços no desenvolvimento desse aluno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo procurei discutir a educação de modo a construir uma forma de aprendizado que valorize as experiências, o cotidiano do aluno.

No entanto, é importante ter em mente as necessidades que a nossa sociedade possui e as experiências que tomamos como base ao pensar no aprendizado para não repetirmos os moldes educacionais tradicionais. Nesse sentido, vale ressaltar a valorização do cotidiano das classes populares, que muitas vezes é tido como algo que não deve ser tomado como exemplo, ou que deve ser modificado, numa supervalorização do cotidiano de uma elite, ou mesmo de uma classe média em detrimento da experiência vivida pelas classes populares, classe que mais precisa dessa atenção, bem como de valorização.

Desse modo, uma alfabetização comprometida com o sucesso das crianças das classes populares, buscando a apropriação da linguagem como instrumento de crítica e afirmação social, sendo assim o resgate do sentido e a recuperação da autoria.

É preciso, portanto, que o educador saiba e valorize as múltiplas formas de conhecimentos existentes no mundo que nem sempre estão presentes na escola, os saberes cotidianos socialmente construídos dos educandos, suas experiências, enfim, a realidade na qual estão inseridos. É necessário ainda que não haja hierarquização ou negação dos saberes dando maior importância a uns e inferiorizando outros, devendo haver a busca de um diálogo entre esses saberes, o rompimento entre as barreiras de modo a atribuir sentido à aprendizagem que se constrói individual e socialmente na interação humana.

Como afirma Paulo Freire (2004), o ser humano é cultural, histórico, inacabado e consciente de seu inacabamento, capaz de intervir no mundo, assim sendo, o educador não é a única fonte de conhecimento e sua forma de interagir com o educando determina na construção do sucesso ou do fracasso escolar.

A partir disso, vemos que o professor tem um papel dialógico na ação pedagógica confrontando conhecimentos no sentido de ampliar o saber sendo o articulador, mediando à aprendizagem, bem como a escola pode ser um espaço em potencial para troca e socialização de conhecimentos, de múltiplas relações que permitem a criação de novos conhecimentos, de circularidade de saberes, uma escola emancipatória e multicultural que reconheça e respeite os saberes prévios do educando, não devendo, no entanto ser descartados outros espaços, visto

que o processo de aprendizado pode se dar nos mais diversos lugares, como foi possível verificar nesse estudo.

É importante ressaltar ainda que o presente estudo não visou esgotar o tema, pretendo servir de base para estudos futuros e complementares, visto que há uma escassez de estudos que abordem essa temática, o que ao mesmo tempo que em alguns momentos serviu de obstáculo no avanço desde, fez com que a motivação fosse maior, visando explorar essa questão e trazer para o âmbito acadêmico esse debate tão importante para um melhor aproveitamento do ensino, principalmente nas camadas mais carentes da nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda, GARCIA, Regina Leite (orgs.). *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo. HUCITEC, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- CABRAL, Muniz Sodré Araújo. *Reinventando a Cultura*. Ed. Vozes, 1999.
- CECCON, Claudius et al. *A vida da escola e a escola da vida*. 15ª ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Terry Eagleton, tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Ed. Unesp, 2005
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GARCIA, Regina Leite (org.). *Alfabetização do Aluno das Classes Populares*. 5 ed. São Paulo: Cotez, 2002.
- HALL, Stuart. *A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Cultura, V.22, n2, jul-dez. , p.17-46, 1997.
- MOURA, Roberto M. *No princípio era roda: um estudo sobre o samba, partido alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- PITA, Maria Ivone Sapucaia. *Movimentos de Linguagem: Uma aprendizagem carnavalesca*. 1997. Monografia (Aperfeiçoamento – Especialização em Pós Graduação com especialização em Alfabetização). Universidade Federal Fluminense. Orientadora: Carmem Lucia Vidal Pérez.
- SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- TRINDADE, A. L. , SANTOS, R (orgs.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999 – 17-32.
- VEIGA-NETO, Alfredo (2003). *Cultura, Culturas e Educação*. Revista Brasileira de Educação, n23, maio-ago, p.5-15.
- VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998

